



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



A CRÔNICA NO ESPAÇO URBANO EM DISPUTA: A experiência de construção do livro “Cidade Velha, Novos Cronistas” no curso de Jornalismo da UFPB¹

Prof. Dr. Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho -Departamento de Jornalismo da UFPB

RESUMO

O presente trabalho faz um relato sobre a experiência pedagógica de construção do livro “Cidade Velha, Novos Cronistas” dentro das estratégias de ensino da disciplina *Oficina de Jornalismo Impresso*, do curso de Jornalismo da UFPB. A crônica como gênero híbrido é uma boa chave para o ensino de jornalismo literário. Nesse trabalho, foram feitas vivências de campo no centro da cidade de João Pessoa para que cada aluno ou aluna pudesse elaborar seu texto. A crônica é um gênero que habitua o/a estudante a uma nova possibilidade de escrita, que rompe com as amarras linguísticas do texto do jornalismo tradicional.

PALAVRAS-CHAVE

Crônica; Jornalismo literário; Ensino de Jornalismo

1 INTRODUÇÃO

A disciplina Oficina de Jornalismo Impresso faz parte do currículo do curso de Jornalismo da UFPB. Ela é oferecida aos estudantes no quarto período. Praticamente, o primeiro contato dos /das estudantes com um processo de produção e edição de um veículo impresso é nesse momento, uma vez que a disciplina é responsável pela edição de um jornal de 16 páginas chamado “Questão de Ordem”, de periodicidade semestral.

Pelo “Questão de Ordem” passaram diversos jornalistas que atuam hoje no cenário da Comunicação da Paraíba e do resto do Brasil. Inicialmente o jornal era feito integralmente no campus, entrevistando professores especialistas em diversos temas e relatando também diversos assuntos ligados ao funcionamento da universidade como um todo.

A partir de nossa coordenação na disciplina em 2016, o jornal passou a ter uma proposta editorial mais comunitária, transitando semestre após semestre pelos bairros da cidade de João Pessoa. O jornal já passou por diversos bairros da cidade de João Pessoa, tais como: centro, Jaguaribe, Cruz das Armas, Mangabeira, Bancários, Miramar, Cabo Branco, Tambaú, Róger ente outros. Durante a pandemia, por conta do isolamento, as aulas remotas foram um grande desafio. Mas nesse período foram produzidos dois jornais, um sobre a pandemia e outro traçando os cenários pós-pandêmicos.

¹ Trabalho apresentado no GT (GT4 – PRÁTICAS PROFISSIONAIS E FORMAÇÃO CIDADÃ EM COMUNICAÇÃO - CBCC) da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

A disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso teve sua crise durante a intervenção na Reitoria da UFPB, quando um professor não eleito pela comunidade foi nomeado pelo governo Bolsonaro. As dificuldades em imprimir o jornal “Questão de Ordem” se multiplicaram a partir de uma burocratização incrível no processo licitatório. Assim, a disciplina não consegue cumprir seu objetivo porque a universidade não cumpre seu papel de mantenedora das condições básicas de funcionamento.

A alternativa de continuar produzindo e ensinando jornalismo foi readequar todo o esforço de construção pedagógica em meios alternativos de produção, centrando na feitura de novas formas de expressão mais adaptadas ao mundo digital contemporâneo. Assim, o livro de crônicas “Cidade Velha, Novos Cronistas” foi uma alternativa de continuar dialogando e fazendo do ensino público e gratuito um lugar de inovação e resistência.

2 METODOLOGIA

Foram feitas vivências e aulas de campo no centro de João Pessoa. E foi contextualizada a cidade como território de disputas e conflitos entre o capital e o trabalho. Cada estudante produziu uma crônica a partir de sua vivência e dos ensinamentos passados em sala.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos principais textos teóricos sobre a crônica é “A vida ao rés-do-chão”. Ele foi escrito pelo mestre Antonio Candido (1918-2017), publicado originalmente na coleção *Para Gostar de Ler*, publicada pela editora Ática, no início da década de 80. Nele, Candido (1981) começa a discussão sobre a crônica como um gênero menor na literatura e ressalta que isso não lhe tira nenhum brilho, pelo contrário, a crônica que aparece como uma composição aparentemente solta tem um caráter humanizador que pode “restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”. Assim, o autor nos revela de quem escreve crônica “sua perspectiva não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. A crônica como filha do jornal diário e da era da máquina tem como característica a efemeridade. Muitas vezes, fica no jornal e não alcança a publicação em livros. Candido (1981) traça uma evolução da crônica, situando-a como filha do folhetim. Ele destaca autores como José de Alencar, Francisco Otaviano, França Júnior e Olavo Bilac. Mas Candido acredita que a crônica como produto sui generis do jornalismo brasileiro teve seu melhor momento nos anos 30, com a fase final do modernismo, através de autores como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e seu melhor representante, Rubem Braga. Alinhada à passagem do tempo de fatos corriqueiros, a crônica também é veículo de uma certa crítica social, que ao mesmo tempo “atrai, inspira e faz amadurecer a visão das coisas” (p.19). Assim, a crônica também pode ser uma militância, uma “participação decidida na realidade com o intuito de mudá-la” (p.20)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do processo temos o livro de crônicas “Cidade Velha, Novos Cronistas” que vai circular em formato *e-book*, hospedado no site da editora Ideia. A ação despertou nos estudantes o entendimento sobre o espaço urbano como um espaço de disputas e possibilidades, bem como a percepção de que um outro tipo de jornalismo pode ser experimentado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Romper com as amarras linguísticas do texto do jornalismo tradicional a partir do exercício da crônica como crítica social pode ser uma possibilidade de criação de novas formas de expressão centradas num contexto de novas mídias.

Referências

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão” IN: **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1981